

Entretanto, quando confrontamos Valéry com Mallarmé, a quem ele com tanta freqüência imita nesses poemas, vemos que é dono de intelecto mais vigoroso e de imaginação mais sólida. Mallarmé é sempre pintor, habitualmente aquarelista: escreveu versos para leques de senhoras, assim como poderia ter pintado flores e figurinhas neles. Tem brilho e relevo, mas apenas o brilho e relevo possíveis a alguém que trabalhe em superfície plana; ao passo que o gênio de Valéry é antes escultórico: seus poemas mitológicos têm a densidade de formas de nuvens compactamente aglomeradas; não se tratasse de nuvens e deveríamos chamar-lhes marmóreas. Ele nos dá figuras e grupos semidesatados — e busca efeitos menos de cor que de luz: o argênteo, o sombrio, o ensolarado, o translúcido, o cristalino. Seus versos exibem, a par da ênfase de uma dicção de ressonâncias heróicas, que lembra a de Alfred de Vigny, as fluidas ondulações, as esquivas ambigüidades e as nuances delicadamente apreendidas que Mallarmé lhe ensinou. Se Mallarmé iria fornecer temas para Debussy, Valéry, resistindo à voga de Debussy, iria ser inspirado, em *La Jeune Parque*, por Gluck. Corresponde ele, na verdade, ao masculino de uma arte de que Mallarmé é o feminino. Os elementos, em Mallarmé, que lhe tornaram possível ser diretor de uma revista para mulheres e escrever, com seu apuro característico, acerca de estilos do vestuário feminino, são complementados, em Valéry, por um gênio mais vigoroso e resolutivo que tem natural afinidade com o do arquiteto.

E há mais substância em Valéry do que em Mallarmé. A despeito da insistência do autor de que é somente a forma, somente o método que o interessa na sua obra, a poesia de Valéry tem certa qualidade dramática. Preocupa-o um conflito particular: o conflito entre aquela parte da existência humana representada pela abstração de M. Teste e a que submerge nas sensações, que é distraída pelos acidentes do mundo cotidiano. Lesse alguém apenas M. Teste — conquanto M. Teste seja apresentado com certo humor — ou apenas a prosa de Valéry, e poderia tomá-lo pela mais seca e implacavelmente abstrata das mentes. E é verdade que o ponto de vista de M. Teste figura com relevo na poesia de Valéry, assim como em sua prosa; que a nenhuma de suas personagens é jamais permitido ter vida independente do mundo intelectual em que, a qualquer momento, pode aparecer como uma abstração; e que suspeitamos prefira Valéry, aos assuntos humanos — ou, pelo menos, as ache mais satisfatórias — as colunas de mármore e as palmas majestosas que escolhe para heróis de alguns de seus

poemas. É verdade que, mesmo no amor, ele tende a buscar a sustação da satisfação sensual e manter sua amante na perene iminência — que, para ele, constitui satisfação rival —, pedindo à mulher, em “Les Pas”, que não se apresse, pois se deleita, em esperá-la, tanto quanto em beijá-la, e fazendo sua Serpente dizer a Eva, prestes a experimentar o fruto da árvore:

*Que si ta bouche fait un rêve,
Cette soif qui songe à la sève,
Ce délice à demi futur,
C'est l'éternité fondante, Eve!*

Ele parece de fato preferir mulheres adormecidas, ou fadadas, porque pode pensar nelas, como em “Dormeuse”, como formas de pura abstração, de que a personalidade se evadiu; ou porque pode refletir, como em “La Fausse Morte”, que a saciedade do amor é uma espécie de morte; gosta de imaginá-las, como em “Interior”, presenças insubstanciais e transparentes, que passam ante os olhos da mente como vidro através dos raios de sol. No entanto, talvez não tenha existido um poeta que se deleitasse com o mundo sensível com mais gosto que Valéry ou que mais integralmente o representasse. Na reprodução, em belos versos, de formas, sons, efeitos de luz e sombra, substâncias de fruto ou carne, Valéry nunca foi ultrapassado. Da cigarra estival, escreve ele:

L'insecte net gratte la sécheresse...

De um cemitério junto ao mar:

Où tant de marbre est tremblant sur tant d'ombres...

Do tanque de Narciso, quando é entardecer na floresta — “une tendre lueur d'heure ambigüe existe” — e a água é lisa como um espelho:

*Onde désert, et digne
Sur son lustre, du lisse effacement d'un cygne...*

De um mar encapelado:

*Si l'âme intense souffle, et renfle furibonde
L'onde abrupte sur l'onde abbatue, et si l'onde
Au cap tonne, immolant un mostre de candeur,
Et vient des hautes mers vomir la profondeur
Sur ce roc...*